



Julho a Dezembro 2016

CAPA e BATINA

Nº 48 • 3ª SÉRIE

Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa



Tomada da Bastilha – entrega da aguarela à Filha do Homenageado

NESTE NÚMERO

96ª COMEMORAÇÃO DA
TOMADA DA BASTILHA
– HOMENAGEM A ANTÓNIO
DE ALMEIDA SANTOS

TERTÚLIAS ACADÉMICAS
– “ALTA DE COIMBRA.
‘ESTÓRIAS’ DENTRO DA
HISTÓRIA “

OS NOSSOS PASSEIOS
– PASSEIO DO OUTONO
– VIAGEM A MILÃO E AOS
LAGOS ITALIANOS



PÁG.

- 03 EDITORIAL
- 04 EM DESTAQUE
- 96ª Comemoração Tomada da Bastilha /
Homenagem a António de Almeida Santos
- 07 OS NOSSOS PASSEIOS
CÁ DENTRO
- Passeio do Outono "Com o Tejo à Vista"
LÁ FORA
- Viagem a Milão e aos lagos Italianos
- 12 TERTÚLIAS ACADÉMICAS
"Alta de Coimbra. "Estórias" Dentro da História"
- 14 A VOZ DA FILANTRÓPICA
- 15 IN ILLO TEMPORE
- 16 VISITAS LOCAIS
- 17 ESPAÇO POESIA
- 18 CONVERSAS MENSAIS
- 20 ESPAÇO ABERTO
- "Encontros de antigos estudantes de Coimbra em
países lusófonos"
- 3º Grande Banquete de "Os Confrades da Briosa"
- 22 NOTÍCIAS BREVES

Os textos publicados podem ter sido ajustados ao espaço disponível.
A versão integral pode ser consultada na Sede ou no sítio da Internet:
www.aaec-lisboa.com

ALMEIDA SANTOS UM PRÍNCIPE DA REPÚBLICA



20-01-2016 Manuel Alegre, DN

Conheci Almeida Santos antes de o conhecer. E fui amigo dele antes dele o saber.

Quando cheguei a Coimbra, eu era um rapaz romântico com a mania das grandes. Levava as minhas referências: Camões, Garrett, Antero. Não fazia a coisa por menos. Mas logo a seguir, o António Portugal, o Zeca e o Goes acrescentaram mais dois ao meu imaginário: Salgado Zenha e Almeida Santos. Naquele tempo eles eram o santo e a senha da esquerda coimbrã. Faziam já parte de uma lenda. Não só a de Coimbra, mas sobretudo a do inconformismo. E a da Académica, que é um pacto para a vida. Para além dos seus outros predicados, Almeida Santos cultivava o fado. E tinha composto uma variação que, pelas guitarras do Brojo e do Portugal, passou a fazer parte da música de fundo da minha geração. Namorei ao som dessa variação. E o nome de Almeida Santos passou a rimar com a boémia e os sonhos da minha juventude.

Quando finalmente o conheci, já depois do 25 de Abril, a imagem não se esfumou. A reverência e a referência transformaram-se em amizade. A admiração confirmou-se e reforçou-se. Não já pelo mito, mas pelo homem concreto que fui descobrindo através da multifacetada riqueza do seu carácter, da sua inteligência, do seu talento. E da grandeza do seu coração.

Há tempos, depois de ouvir um texto por ele escrito e lido, numa situação complicada, comentei: são precisos séculos de História para produzir um tipo assim. E a verdade é que não há outro. Duvido que qualquer igreja tenha um cardeal com tanta finura de espírito, tanto sentido da "nuance", tanta sabedoria. Mário Soares costumava dizer: o Almeida Santos abraça o inimigo. É verdade. Mas também é capaz de, em questões de princípio, enfrentar os amigos. É o que faz o encanto da sua personalidade inconfundível.

Não vou repetir que ele foi um dos mais brilhantes oradores da nossa história parla-

mentar, além de jurista eminente e legislador incomparável, pode mesmo dizer-se que o grande legislador de regime democrático. Almeida Santos é tudo isso. E já se sabe que não há lei ou decreto a que ele não tenha corrigido as vírgulas e a sintaxe. Mas no mais íntimo de si mesmo ele é um escritor. Um escritor emprestado ao Direito e à Política. Um dos grandes prosadores do nosso tempo. E o que é mais raro: um escritor de ideias.

Há já mais de um século, Antero de Quental perguntava se era possível viver sem ideias. Almeida Santos teima em pensar que não. Não se acomodou nem se acomoda. A juventude do seu espírito leva-o a interrogar-se, a incomodar-se e a incomodar. Preocupar-nos, provocar-nos, acordar-nos.

Ele compreendeu, como poucos, que o grande problema do nosso tempo já não é, como queria Rilke, "o do direito a uma morte própria, que cada um traz em si como um fruto que lentamente amadurece". Já não é sequer o da pergunta que Hamlet fazia em Elsenor. O ser ou não ser - essa velha questão jamais resolvida - já não se coloca no plano individual; transformou-se no ser ou não ser de toda a Humanidade, de toda a espécie. Estamos a perder o direito à morte própria. E já não temos o direito de colocar a pergunta de Elsenor em termos puramente pessoais. Ou salvaguardamos o futuro, ou não ficará ninguém para continuar a perguntar quem somos, de onde viemos, para onde vamos.

Este é, em suma, o grande tema sobre o qual Almeida Santos se interroga e nos provoca.

Perante "os comportamentos que provocaram os desequilíbrios do presente", Almeida Santos suscita a questão de saber se não estarão "encomendando o catastrofismo dos últimos estádios da decadência das civilizações".

Dir-se-á que há nele um tom de excessivo pessimismo. Ele retorquiria que nada é pior do que o optimismo beato. "Se eu fosse capaz de ser egoísta - escreve Almeida Santos - e indiferente aos direitos e à felicidade das futuras gerações, podia permitir-me a consolação lorpa, tão em voga, de repousar sobre a convicção de que vai haver espaço vital, água, oxigénio, ozono, floresta, clorofila, emprego e segurança, ordem e liberdade bastantes até ao fim da minha vida. Mas não sou. Daí este impulso para acordar quem dorme. Abanar quem confia. Despertar as reacções saudáveis que estão ao nosso alcance, sabe-se lá por quanto tempo. Ao fim e ao cabo, vistas as coisas desta perspectiva, o optimista sou eu". Eu também penso que sim.

Mas além da "angústia ecológica", das per-versões do modelo económico dominante, da explosão demográfica e daquilo a que chama "o apocalipse à solta", Almeida Santos traz outras inquietações: o flagelo da droga, a prostituição, o tráfico de mulheres e crianças. Um dos textos mais ricos e actuais é o da sua reflexão sobre "as novas contingências do poder político". É um texto importante, em que o autor mostra, não apenas possuir uma informação actualizadíssima sobre a reflexão que na Europa se faz sobre esta questão, como lhe acrescenta uma contribuição pessoal, com novas pistas e, sobretudo, uma sábia hierarquização das mutações mais significativas, desde o esvaziamento do mundo rural, a uniformização da informação e a superficialização do conhecimento, até ao narcisismo e egoísmo imperantes, bem como a desvalorização das ideologias e um deprecimento do Estado nunca imaginado por aqueles que o teorizaram.

Também nos fala do homem novo. Mas o homem novo por quem tantos se sacrificaram é, afinal, um homem do avesso. Ou, como o diz lapidariamente Almeida Santos: "um Homem outro, tão centrado no indivíduo quanto despojado da pessoa". E é por isso que aponta para a necessidade de pôr tudo em causa. "Uma nova tábua de valores - propõe - um novo direito, uma nova justiça, um novo modelo de desenvolvimento e partilha, uma nova autoridade, um novo Estado. Um novo Pacto. Uma nova ordem política, social e cultural."

Pessimista? Eu diria que só se for aquele pessimismo que conduz ao optimismo da acção. Deve-se a Almeida Santos um texto que considero a melhor síntese sobre a descolonização. Está lá tudo. O antes, o durante e o depois. As causas, os porquês, as consequências. Um texto importantíssimo, que devia ser lido nas escolas, objecto de estudo, debate e divulgação. Por tudo isto e muito mais, alguns livros de Almeida Santos constituem um marco, não só na sua bibliografia, mas na história contemporânea da literatura de ideias em Portugal.

Neste tempo de adoração de novos bezerros de oiro, Almeida Santos tem a coragem da sua crença na força da palavra e da ideia. E diz-nos que só um novo pensamento, um novo olhar, uma nova atitude, uma nova perspectiva nos podem conduzir ainda à salvação.

Era um homem de afectos, um humanista. Podia ter sido candidato a presidente. Não quis. Fica a memória e a saudade de um príncipe da República.

96ª COMEMORAÇÃO TOMADA DA BASTILHA / HOMENAGEM A ANTÓNIO DE ALMEIDA SANTOS

CASINO ESTORIL – 19 DE NOVEMBRO DE 2016



VIDA E OBRA DE ANTÓNIO ALMEIDA SANTOS

Um Príncipe da República

Na comemoração da 96ª Tomada da Bastilha viveu-se – com afectuosa exaltação por parte de todos os presentes (300) – a memória de – António de Almeida Santos que nos deixou em 18 de Janeiro de 2016.

Aconteceu logo na noite do velório que um pequeno grupo de amigos seus e também nossos associados incentivou a presidente da Direcção a promover o justo preito àquele que fora seu fundador e presidente da Assembleia-Geral durante 12 anos; e deste desiderato a presidente não só fez eco na curta entrevista que lhe foi solicitada pela TVI após a cremação do corpo, como tomou nas suas mãos – com a aprovação dos

outros membros da Direcção – o desenvolvimento das acções e diligências necessárias à sua concretização.

Com a colaboração desses amigos e de Miguel Guerra (secretário do Homenageado) e com a recolha e selecção de imagens, textos, entrevistas, etc., disponibilizados pela Família, pela Fundação Mário Soares, pela RTP-Arquivo, pela Associação Cristã da Mocidade, de Coimbra (então Associação Cristã dos Estudantes) e pela Universidade de Coimbra, concebeu-se e produziu-se um videobiografia a que Manuel Alegre emprestou o título "*Príncipe da República*", do texto que a partida de Almeida Santos lhe inspirou

e ele próprio leu na íntegra a abrir esse registo videobiográfico.

Nele figuram, a seguir, breves trechos da vida pessoal, familiar, social, política, governativa e académica, enquadrados por depoimentos da irmã Maria Fernanda (com 93 lindos anos...) e de Maria de Belém, Adriano Moreira, Vera Jardim, Alberto Martins; e de Seabra Santos e Gomes Canotilho (respectivamente Reitor da Universidade de Coimbra e padrinho do doutoramento *honoris causa* nesta universidade);



A Irmã Maria Fernanda

e, no final, desta Associação pela voz da presidente da Direcção, Fátima Lencastre, que disse:

Esta Associação não chora a perda

de António de Almeida Santos, antes dá vida à sua memória, em cada momento, e prossegue as suas regras de conduta como dirigente máximo que foi (Presidente da Assembleia-Geral de 1995 a 2007).

Os seus ditames são para nós como "tábuas de lei"; leio os basilares, dos quais a Direcção tomou boa nota:

"Não deixemos a política invadir a nossa Associação; seria o princípio do fim desta vivência para mim fraterna."

"Não alimentemos uma tal pretensa apelidação de "Coimbrinhas" uns, "Coimbrões" outros; a persistir, declaro-me já o "primeiro Coimbrinha"."

"Alarguemos o espírito desta Associação à comunidade envolvente, quer através de protocolos de colaboração cultural formais ou acordos informais, quer através da partilha dos nossos eventos."

"Começemos por acarinhar os jovens, esperando com compreensão a disponibilidade que lhes permita emparceirar nas nossas actividades e caminhar rumo à perpetuidade desta comunhão de ideais."

"Aliciemos com a nossa postura de vida os estudantes de Coimbra não beneficiários do lastro que a matriz coimbrã nos deu, mesmo através de uma praxe saudável e respeitadora que eles pode-

ão não ter tido."

Lembro, a terminar, que dentre as muitas homenagens que promovemos nas comemorações da Tomada da Bastilha, ficará indelevelmente ligado a esta Evocação o preito dedicado a António de Almeida Santos em 2008, que fala por si.

Nenhum momento mais propício que a já lendária "Tomada da Bastilha no Casino Estoril" para evocar a figura de António de Almeida Santos e relembrar a sua vivência académica – a que mais fortemente nos toca – mas sem minorar as relevantes funções governativas, partidárias e parlamentares. Para tal providenciámos (com a devida antecedência e apresentação do enquadramento) a partilha desta homenagem com a Assembleia da República, a que presidiu durante sete anos, e com a Associação dos ex-Deputados da Assembleia da República, através de convites aos respectivos presidentes e a todos os partidos com assento parlamentar.

O retorno foi gratificante, não só pelas palavras de felicitação por esta iniciativa vindas dos partidos que não puderam fazer-se representar, como ainda pela pronta disponibilidade do Coro da Assembleia da República para actuar;

mas, sobremaneira, pelas animosas presenças de:

- Vice-Presidente da Assembleia da República, Jorge Lacão, em representação do Presidente Ferro Rodrigues;
- Presidente do Grupo Parlamentar do PS, Carlos César, e Laurentino Dias (Chefe do Gabinete do Grupo Parlamentar do PS);
- Representante do Grupo Parlamentar do PSD Margarida Mano; e
- Representante da Associação dos ex-Deputados da Assembleia da República Maria de Lurdes Pombo Costa.

Com a intenção de partilha que os moveu, estes representantes subiram ao palco com o Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra, Prof. Doutor Eng. João Gabriel Silva – que sempre preside a este evento – e com os Órgãos Sociais da Associação, emparceirando também com a Associação Académica de Coimbra (Gonçalo Bento, presidente da Assembleia-Magna, e José Dias, presidente da Direcção-Geral) a quem a presidente da Direcção apelou no sentido de transportarem para a jovem Academia o legado deixado por António de Almeida Santos:

"Fazer prevalecer a solidariedade e res-



peitar a postura de vida, as opções religiosas e políticas de cada um.

São estes os valores intemporais da nova civilização que ele tanto sonhava e defendia".

Nas suas habituais palavras de boas vindas e agradecimento, a presidente da Direcção da Associação-anfitriã saudou todos os convivas, em especial a Família do Homenageado, os convidados já referidos e os presidentes das Associações de Antigos Estudantes de Coimbra presentes – no Porto (Amaro Correia), no Alto Mondego (Carlos Peixoto), em Coimbra (Américo Baptista dos Santos) e no Algarve (Francisco St Aubyn) – e das Associações congéneres em parceria – Casa dos Açores em Lisboa (Miguel Loureiro), Casa da Académica em Lisboa (Jaime Dória Cortesão) e Casa de Goa em Lisboa (António Rodrigues) – e agradeceu aos patrocinadores do Casino Estoril, na pessoa de Xoi Man Him, presente, BPI e Delta Cafés.

E todos juntos testemunharam o estado de alma da Família (22 membros na mesa central) ao assistir à atribuição do nome António de Almeida Santos à bol-



sa que esta Associação concede anualmente a um estudante carenciado da U. C., através do *Instituto Universitário Justiça e Paz*; e a comoção que a filha Maria Antónia não escondeu ao ir ao palco receber um quadro/aguarela representando o seu Pai a cantar, com o fundo da Torre da Universidade.

Seguiu-se a actuação do Coro da Assembleia da República, dirigido pelo maestro Afonso Granjo, com a excelência de profissionais e uma nota de sentimento (bem audível...) dedicada ao Homenageado.

A projecção do videobiografia constitu-

íu o marco mais indelével na lembrança dos presentes, que muito o aplaudiram. A coroar esta evocação, um momento da música de Coimbra, tão ao gosto e autoria de Almeida Santos, por:

Fernando Rolim na voz; Teotónio Xavier e Nuno Cadete na guitarra; e António Toscano e Luís Martins na viola.

Por tudo isto e pelas ulteriores manifestações dos participantes, é legítimo regozijar-nos por esta cerimónia singela, mas digna, em que se "ouvia" o pulsar dos corações na exaltação da memória de António de Almeida Santos.(1)

TESTEMUNHOS

"Não posso deixar de salientar a satisfação pela realização de tão digna e honrosa cerimónia promovida pela AAEC em Lisboa e que decerto será refletida na próxima edição do boletim semestral *Capa e Batina*, que registará a saudade pela figura humana, pelo Estadista pelo político empenhado que foi.

Luís Barbosa

Presidente de Direcção da AEDAR – Associação dos Ex-Deputados da Assembleia da República"

(1) Toda a cerimónia está gravada num video que também integra o videobiografia, disponível na Sede da Associação.



OS NOSSOS PASSEIOS

CÁ DENTRO

PASSEIO DO OUTONO “COM O TEJO À VISTA” SANTARÉM, TOMAR E SARDOAL

DE 21 A 23 DE OUTUBRO DE 2016

Por Maria Eduarda Barros Caldeira



O passeio de Outono chegou,
E a alegria não nos abandonou.
Santarém foi a 1ª paragem
Desta nossa agradável viagem.
O Convento de S. Francisco visitámos
E a lição do seu Curador apreciamos.

Este Convento foi entregue à Cavalaria
E depressa virou estrebaria.
Perderam-se lápides funerárias,
Mas as marcas arqueológicas são várias.
Soubemos que entre esta Igreja e a de S.ta Clara,
Havia um túnel, ligação nada rara.

Visitámos as Portas do Sol,
Como *ex-libris*, o seu farol.
À Casa-Museu chegámos,

Com Passos Canavarro conversámos.
O Tejo, como Almeida Garrett o viu,
Cada olhar nosso, assim descobriu.

Rumo a Tomar, dos Templários capital,
Atravessámos a ponte e a Corredora.
Calçada de Santiago, rua principal,
Fazendo cruz com a sua horizontal,
Chegámos à Charola, de que sou admiradora.



Vimos o muro intransponível, o Alambor,
O Convento de Cristo, o principal,
Com a sua janela, o seu esplendor.
Foi lá que jantámos, sem rumor,
Com cânticos líricos, celebrando um "Natal".

Fomos à Golegã, à Casa E. da Fotografia,
Que Carlos Relvas nos deixou um dia.
Recebeu prémios nacionais e internacionais,
Com fotografias deveras excepcionais.
Fotografava tanto pobre como rainha,
E não cobrava nada a quem não tinha.

Fomos à vila do Sardoal
Que tem o chão muito original.
É feito com seixos do mar,
Não dando muito jeito para andar.
Na Igreja da Misericórdia, uma graçola,
No altar, a imagem de S. João da Sacola.

A Igreja Matriz fomos visitar,
Forrada a ouro do Brasil, a brilhar.
Quadros da Escola de Mestre do Sardoal,
Pinturas boas, com ar natural.
Sete óleos sobre carvalho,
De que resultou um belo trabalho.

E regressámos à nossa Lisboa
Todos achando que a viagem foi boa
E que tudo correu na perfeição.

Acima de tudo o que ressoa,
É o convívio pessoa a pessoa,
É esta boa disposição.

LÁ FORA VIAGEM A MILÃO E AOS LAGOS ITALIANOS

DE 10 A 18 DE SETEMBRO DE 2016

*Por Raúl Melo Santos**

Ao organizar um relato sobre a viagem a Milão e aos lagos italianos, de 10 a 18 de setembro, promovida pela AAACL, senti a dificuldade de dar forma a uma vivência tão agradável e multifacetada. Trata-se, assim, de uma visão, necessariamente, subjectiva e resumida dos nove dias de viagem.

Partimos no dia 10, bem cedo, com destino a Milão.

Milão é a capital da região da Lombardia. Em termos de população é a segunda maior cidade italiana e a terceira maior área metropolitana da U.E. A área metropolitana tem o PIB mais elevado da Europa.

Milão é uma cidade internacional e cosmopolita, grande centro industrial para negócios e finanças, sendo a sua economia uma das mais ricas do mundo. É conhecida como a capital do design. É, também, dona de um rico património cultural.

O cristianismo foi declarado a religião oficial do império romano, em 313, pelo "Édito de Milão", promulgado pelo imperador Constantino.

Durante os séculos XI e XII tornou-se um centro de grande importância que enriqueceu com a indústria da seda, transformando-se em ducado no ano de 1277. Mais tarde foi governada pela família

Visconti e durante os 160 anos de governo dos Visconti, Milão estendeu a sua hegemonia a grande parte do Norte de Itália. O último Visconti morreu em 1447, deixando apenas uma filha ilegítima, que não podia herdar o título, e que casou com Francisco Sforza. A república de Milão contratou Sforza para defender do poder veneziano.

Os Sforza foram grandes protectores das artes, tendo Leonardo da Vinci trabalhado sob o seu patrocínio. Leonardo da Vinci viveu em Milão, cidade onde morreu, e a concentração das suas obras encontra-se em Vigevano, cidade que dista 30km de Milão.



O grupo dos Lagos Italianos

Em 1535 o imperador Carlos V junta o ducado de Milão ao domínio dos Habsburgos e, mais tarde, no ano de 1796, Napoleão Bonaparte tomou Milão. Milão foi capital da República Cisalpina e do Reino de Itália até 1814. Foi posteriormente tomada pelos austríacos, ficando em seu poder até 1859.

Foi em Milão que Mussolini fundou o partido fascista no ano de 1919. Executado em 1945 em Riviera Gardone, no Lago de Garda, Mussolini foi transportado para Milão e o seu cadáver exposto na Praça do Loreto.

Durante a segunda guerra mundial a cidade foi grandemente afectada pelos bombardeamentos dos aliados e, após a ocupação alemã, em 1943, Milão tornou-se o principal centro da resistência italiana.

Em Milão fizemos uma passagem pelo Teatro Alla Scala. É o teatro lírico mais célebre e a maior casa de ópera do mundo. Tem um dos maiores palcos de Itália e uma torre com 14 andares, com cenografias diferentes, sendo possível a apresentação de duas óperas no mesmo dia.

Foi construída durante o domínio austríaco entre 1776 e 1778. Em tempos Verdi foi o compositor residente. Durante a segunda guerra mundial metade do teatro foi destruído, e posteriormente reconstruído, tendo a gala de reabertura tido lugar em 1946, sob a batuta de Toscanini. Visitámos, seguidamente, as Galerias Vittorio Emanuele, o centro comercial mais antigo do mundo. Antes de existirem os modernos centros comerciais existiam as galerias. Estas arcadas de comércio da classe alta do séc. XIX tinham telhados de vidro reforçado com aço. O mosaico do chão da nave central tem a cruz vermelha e branca da Casa de Sabóia e, também, um touro que simboliza Milão. Segundo a tradição local os milaneses asseguram a sua sorte ao calcar os testículos do touro de cada vez que por lá passam.

A catedral é a maior catedral em estilo gótico do mundo, com mais de 3.500 estátuas exteriores, e é suportada por 52 colunas maciças. Foram precisos 8.200 blocos de mármore branco-rosa de Candoglia (no Lago Maggiore) para a sua

construção. O mármore era transportado através dos canais que atravessam Milão e chegavam a um lago que existia mesmo atrás da catedral. Demorou quase 430 anos a erguer, desde 1386 até 1813, tendo-se, contudo, os construtores mantido fiéis ao estilo gótico. A fachada do Duomo de Milão foi finalizada à pressa por ordem de Napoleão, que queria ser ali coroado Rei de Itália.

No dia seguinte rumámos a Lugano. É a capital da Suíça italiana (cantão de Ticino), nas margens do lago com o mesmo nome. Trata-se de uma cidade de parques e flores, com sabor mediterrânico. É um centro financeiro e bancário muito importante e dispõe de um clima ameno. O centro da cidade tem praças e arcadas e o passeio ao longo das margens do lago, sob as árvores, proporciona vistas maravilhosas. Estava a decorrer a festa das vindimas e a alegria e o colorido dos trajes enchiam a cidade. Tivemos o prazer de assistir a um desfile em que participavam tocadores de trompas dos Alpes. É de sublinhar que na Suíça todas as fontes têm água potável e que a água do Lago

Lugano é transparente. Atendendo a que os salários praticados na Suíça são muito superiores aos praticados em Itália, muitos italianos deslocam-se, diariamente, a Lugano e a outras povoações suíças para lá trabalharem.

Subimos de funicular ao Monte San Salvatore, onde almoçámos. De lá tem-se uma vista admirável sobre Lugano, o lago e as aldeias mais próximas. É uma experiência inesquecível.

Regressámos ao hotel Inverigo, com paragem em Locarno para visitar o Castelo Visconteo, datado do séc. XII. É em Locarno que se realiza o festival anual de cinema.

No dia 12 de Setembro rumámos ao arquipélago das Ilhas Borromeo formado pela Isola dei Pescatori, Isola Madre e Isola Bella, situado no Lago Maggiore, em frente à cidade de Stresa.

O clã Borromeo escapou da intriga política na Toscânia, fugindo para Milão, em 1395, onde financiaram a ascensão dos Visconti. Construíram um império financeiro e compraram feudos. Ultrapassaram, com cuidado, o período turbulento da política e, com casamentos cirúrgicos, associaram-se aos Sforza enquanto adquiriam o controlo do Lago Maggiore. A família Borromeo ainda é proprietária das ilhas.

Na Isola Bella visitámos um palácio mandado construir no séc. XVII por Carlos III, da família Borromeo, que o dedicou a sua mulher, Isabella D'Adda, a quem a ilha deve o seu nome actual. Este palácio, representativo do barroco lombardo, situa-se numa ilha que se assemelha a um grande barco. Os quartos, sumptuosos, têm tectos em estuque, candelabros de Murano e belos quadros. As grutas onde gozavam o fresco nos dias de calor têm o chão coberto com seixos pretos e brancos e conchas, provenientes do lago. A sala mais importante do palácio é a sala de música.

Em Abril de 1935 Mussolini encontrou-se aqui com Laval, de França, e Ramsay MacDonald, de Inglaterra, numa tentativa de evitar a segunda guerra mundial. As tapeçarias são, também, dignas de registo. Trata-se de um conjunto de traba-

lhos flamengos do séc. XVI, ricos em pormenores, baseados no tema do unicórnio (brasão dos Borromeo).

Protegidas dos ventos frios, as margens do Lago Maggiore beneficiam de um clima constante que favoreceu a aclimação de uma luxuriante flora exótica. A Isola Bella possui um jardim maravilhoso com flores multicoloridas o ano inteiro, fazendo uma rotação entre as várias espécies. Apresenta uma pirâmide de terraços encimada por um unicórnio e as bordas têm balaustradas com estátuas. Pavões exibem-se nos lindos relvados.

Almoçámos na Isola dei Pescatori, permanentemente habitada e com uma população de cerca de 50 pessoas.

Seguimos para a Isola Madre. Aqui visitámos a Villa Borromeo e o jardim botânico. O jardim é extenso e surpreendentemente luxuriante, repleto de vegetação exótica.

No regresso parámos, brevemente, na bela cidade de Stresa, local escolhido por artistas e escritores desde finais do séc. XIX.

No quarto dia da viagem apanhámos o barco em Como. Este lago, com o seu formato de Y invertido, é o que apresenta uma maior variedade de paisagens, com aldeias acolhedoras, pequenos portos e Villas com jardim. Desembarcámos em Tremezzo para visitar a Villa Carlota e os seus jardins. Trata-se de uma das mais sumptuosas Villas do lago, do barroco tardio, com uma localização admirável. Possui uma colecção de estátuas neoclássicas e quadros românticos. Contudo

a atracção principal são os seus maravilhosos jardins.

De seguida apanhámos o ferry para Bellagio. Trata-se de uma localidade popular, com uma arcada de cafés junto ao porto, vielas íngremes e sinuosas de traçado medieval, com centenas de lojinhas e recantos cheios de escadas. Está admiravelmente situada na ponta do promontório que separa o lago de Como do Lago de Lecco. O almoço teve lugar numa esplanada com vista deslumbrante.

Dirigimo-nos, depois, para Lecco, cidade alpina do ano, cheia de associações literárias com o romance "Os Noivos" de Alessandro Manzoni.

Voltámos à cidade de Como, capital da seda em Itália desde 1510, embora nos dias de hoje seja importado o fio, já fiado, da China. O tecido de fição artesanal de Como é ainda o mais procurado pelos principais estilistas de Milão.

Visitámos a catedral, repleta de estátuas, que começou a ser construída em 1396, mas que só em 1740 recebeu a cúpula. Na fachada as pilastras estão rodeadas de santos e a porta principal é flanqueada pelas figuras sentadas de dois sábios anciãos: Plínio, o Velho, e o seu sobrinho Plínio, o Jovem.

Subimos o funicular ao Monte Brunate com vista sobre Como e o lago. Jantámos nesta cidade.

No dia 14 partimos para St. Moritz, um destino de férias bem conhecido de há muitos anos por ter sido o berço do turismo de inverno alpino. É a mais fa-



mosa metrópole helvética de alta montanha. No entanto, originalmente, a sua importância deveu-se às suas fontes de águas medicinais. Daí a existência de St. Moritz Dorf e St. Moritz Bad. Aqui o sol brilha na maioria dos dias. De St. Moritz para Tirano viajamos no Bernina Express Panorâmico. O Bernina Express é a via ferroviária mais alta dos Alpes. A linha funde-se harmoniosamente na paisagem grandiosa das montanhas. Pela sua união com a paisagem constitui um excepcional património mundial da UNESCO. O Bernina Express Panorâmico assegura uma ligação das mais espetaculares entre os vales dos Grisões e os sítios turísticos.

No dia seguinte visitámos, de manhã, Desenzano del Garda. O velho porto e a cidade antiga constituem lugares bem agradáveis. Do hotel tinha-se uma vista linda sobre o lago.

Seguimos para Sirmione, nas margens do Lago di Garda. A cidade é guardada por um castelo medieval admiravelmente intacto com fosso e ponte levadiça. Está situada numa pequena península, cheia de hotéis e lojas. Tem as ruínas de uma antiga Villa romana que, sendo conhecida como Grotti di Catullo, não são grutas nem foram pertença do famoso poeta. As termas de Sirmione são muito visitadas. Após o almoço visitámos Il Vittoriale degli Italiani. Esta Villa arte nova e kitsch foi criada pelo poeta extravagante e aventureiro Gabriele d'Annunzio e financiada pelo próprio Mussolini. A Villa representa a sua vida, amores e filosofia. É uma cidadela monumental criada pelo poeta, quando se mudou para Gardone Riviera. Gabriele d'Annunzio, poeta símbolo do decadentismo, foi aí enterrado. Mussolini deu-lhe funeral de Estado. O poeta teve, aliás, forte influência na ideologia de Mussolini.

No dia 16 visitámos Mântua, antiga morada dos duques de Gonzaga, repleta de palácios renascentistas. A cidade está rodeada por três lagos artificiais. O poeta Virgílio nasceu nesta cidade. Em 1328 Mântua ficou sob o jugo dos Gonzaga, até os austríacos dela se apoderarem em 1707.

No Palácio Ducale, residência da família Gonzaga, é de destacar as tapeçarias de Rafael e os frescos de Mantegna. O palácio tem mais de 500 quartos, sendo o mais famoso o quarto do casal chamado de "Camera degli Sposi". Visitámos, ainda, a Igreja de S. Lourenço (a igreja mais antiga da cidade) que tem forma circular como a Igreja do Santo Sepulcro, em Jerusalém. A Piazza della Erbe, antiga praça do mercado, é um espaço rodeado de arcadas de um bonito conjunto de edifícios. A cidade está cheia de palácios, igrejas e obras de arte de Mantegna e Giulio Romano.

É a capital italiana da cultura em 2016. Pode dizer-se que foi um dos berços do Renascimento e faz parte do património mundial da UNESCO.

Seguimos para Cremona, cidade de alguns dos melhores construtores de instrumentos de cordas, arte que atingiu o seu pico no séc. XVII, na oficina de Antonio Stradivari. É, também, famosa por Monteverdi, sua música e suas óperas. Para além do museu do violino, que visitámos, possui uma das maiores e mais bonitas catedrais de Itália, com a segunda torre mais alta do país.

No dia seguinte, logo de manhã, dirigimo-nos à região de Valpolicella para degustação de vinho Amarone, feito a partir de uvas secas. Este vinho faz parte do grupo de vinhos conhecidos por denominação de origem controlada e garantida. Partimos para Verona, cujo centro histórico foi classificado património da humanidade pela UNESCO. Visitámos a Piazza Bra com a arena que é o terceiro maior anfiteatro romano. Devido às suas condições acústicas excepcionais têm lá lugar várias realizações culturais. Percorremos as ruas mais centrais a caminho da Casa de Julieta, que se tornou famosa graças à história de amor entre Romeu e Julieta, imortalizada por W. Shakespeare. É uma cidade animada pela grande quantidade de turistas, que admiram os belos edifícios e outras atrações de Verona.

Fomos almoçar no agro-turismo Villa Mosconi Bertani nos arredores de Verona. É um local com uma vista bonita e onde nos foi servida uma refeição agradável.

Seguimos para Sirmione onde apanhámos o barco para Desenzano.

No dia 18 partimos para Brescia, também património da UNESCO. A cidade tem um belo centro medieval e renascentista. Visitámos o Duomo Vecchio, construído no séc. XI sobre as ruínas da basílica de Santa Maria Maggiore, e o Duomo Novo, que levou mais de 200 anos para ficar pronto. Ficam na Piazza Paolo VI, que é uma praça de origem medieval e é o coração da cidade. O Papa Paulo VI era natural de Brescia.

Seguimos para Bérgamo onde apanhámos o funicular para a Cidade Alta. É uma cidade encantadora, com ruas medievais e edifícios renascentistas. O coração da Cidade Alta é a Piazza Vecchia onde se situam o Palácio Novo, o Palácio da Razão e a Torre Cívica. A Basílica de Santa Maria Maggiore começou a ser construída em 1137 e é uma das mais belas igrejas de toda a Itália. A Piazza del Duomo é dominada pela referida basílica, pela Capela Colleoni e pelo Baptistério. O tecto da basílica está todo coberto de frescos e na parte de trás está o túmulo de Donizetti, que era natural desta cidade bem como o Papa João XXIII.

Ao fim da tarde regressámos a Lisboa, via Milão.

A viagem foi excelente e decorreu muito bem. Para isso muito contribuíram o guia Miguel Barradas, excelente profissional, a guia Rosani Gallina, que demonstrou sempre grande dedicação e desvelo em situações que exigiram uma certa dimensão humana. Os guias locais foram, igualmente, de qualidade. Os hotéis eram bons, especialmente, o de Desenzano. O serviço de malas foi excelente.

As refeições foram boas. Houve algumas surpresas: não se comeu pizza e comeu-se leitão (não à Bairrada).

O clima esteve de feição.

O tempo, esse só chegou para o "dolce fare niente", ou para apreciar a "dolce vita".

**(agradeço a prestimosa colaboração da Dr.ª Manuela de Santana – Maia Leonardo, que facultou os seus apontamentos de viagem para a elaboração do presente relato.)*

“ESTÓRIAS” DENTRO DA HISTÓRIA

DA BIBLIOTECA GERAL DA UC AO TAGV



EM 27 DE OUTUBRO DE 2016, NA SEDE

Por Zé Veloso

Nos tempos em que andei em Coimbra, nunca prestei grande atenção ao edifício da Biblioteca Geral. É desculpável. Os cursos de Engenharia tinham as aulas esparramadas pelos Gerais, pelas Físicas e pelas Químicas e, na correria entre salas, o Zé que atravessava o *Pátio da Mamudas* virava naturalmente as costas à austera Biblioteca Geral, enquanto ia lavando os olhos na paisagem ondulante das mini-saias que passavam nos degraus da Faculdade de Letras.

Nessa altura – saí de Coimbra em 1966 – a Biblioteca Geral parecia-me ser, tal como as já terminadas Faculdades de Letras e de Medicina, um edifício construído de raiz, em cima das demolições dos anos 40. Puro engano! A Biblioteca Geral, inaugurada em 1956, fora construída a partir da destruição parcial de uma Faculdade de Letras anterior (1.ª foto), da qual se aproveitaram os alicerces e alguma parte do *miolo*, mas cujas fachadas foram totalmente remodeladas.

Mas que defeito teria essa antiga Faculdade de Letras, um interessante projecto do arq.º Silva Pinto, para que não chegasse a durar duas décadas? Independentemente do facto de Cottinelli Telmo, o *Papa* da remodelação da Alta, achar que faltava dignidade ao edifício, havia quem lhe apontasse o pecado de possuir um grande vão interior, que serviria bem à sala de leitura de uma biblioteca, mas que



Faculdade de Letras

tinha pouco aproveitamento numa Faculdade de Letras.

E tudo isto porque esta antiga Faculdade de Letras também não fora um edifício projectado de raiz, mas sim a adaptação do projecto de um teatro académico, cuja construção, nunca concluída, começara na primeira década do séc. XX, e da qual se tinham aproveitado... os alicerces; de tal forma que o enorme vão onde hoje está instalada a sala de leitura da Biblioteca Geral, correspondia, no projecto do dito teatro, ao espaço reservado à caixa do palco, plateia, camarotes e galerias!

E recuando no tempo até ao séc. XIX,

o que vamos encontrar naquele local é o célebre Teatro Académico que nos é descrito por Trindade Coelho no *In Illo Tempore*, o qual viria a ser demolido em 1888, deixando a Academia sem um dos polos aglutinadores da vida cultural universitária, e sem o edifício que, durante cinquenta anos, fora sede da Associação Académica e dos organismos que a precederam.

As voltas que o mundo dá! Ou melhor, as voltas que este espaço deu! Mas começemos a história pelo princípio...

No quarteirão onde hoje se encontra a Biblioteca Geral, mandou D. João III edificar, em 1549, o Colégio Real de S. Paulo Apóstolo (2.ª foto), destinado

a alojar clérigos indigentes que viessem estudar para a Universidade. Em 1838, já depois do decreto de extinção das ordens religiosas, o imóvel é entregue à recém-criada Nova Academia Dramática que, depois de sucessivas transformações, haveria de dar lugar à Associação Académica de Coimbra. Fazem-se obras no claustro do edifício para aí alojar o Teatro Académico, que é inaugurado em 1839. Ao longo dos anos que se seguiram, o Colégio Real foi partilhado com outros organismos, entre eles o Instituto de Coimbra (depreciativamente tratado por *Clube dos Lentes*), entidade dissidente da Academia Dramática de Coimbra (que sucedeu à Nova Academia Dramática). Mas em 1888, na sequência de um incêndio de consequências terríveis no Teatro Baquet do Porto, o Teatro Académico foi alvo de uma auditoria que concluiu por insuficientes condições de segurança e determinou a imediata demolição do imóvel. É certo que todo o edifício estava degradado, mas houve quem visse na rapidez da decisão uma resposta oportunista à disseminação das ideias republicanas que grassavam na Academia, da qual o Teatro Académico era o principal ponto de encontro... e fonte de receita. E lembro que, pouco tempo antes, a 3/11/1887, a Academia Dramática de Coimbra se transformara na Associação Académica, tendo como primeiro presidente António Luís Gomes, um prestigiado estudante republicano.

Sem casa onde morar, a Associação foi atirada para o Colégio da Trindade (1890), tendo ainda ocupado, posteriormente, outras instalações acanhadas na Alta. E enquanto isso, os estudantes iam aguardando a promessa do Governo de que uma nova sede e um novo teatro seriam a curto prazo construídos no local onde tinham existido os anteriores equipamentos; porém, vinte anos depois, as obras ainda se arrastavam entre indefinições do projecto e pouco subiam além das fun-

dações. Até que, em 1913, o Governo decide atribuir o edifício em construção à recém-criada (1911) Faculdade de Letras e despachar a Associação Académica para o r/c do Colégio de S. Paulo Eremita (3.ª foto) na Rua Larga, cujo 1.º andar era habitado pelo *Clube dos Lentes*, com a promessa de que estes *inimigos de estimação* de lá sairiam a breve trecho.

Mas como os breves trechos nem sempre são assim tão breves, a 25 de Novembro de 1920 os do r/c perderam

a paciência e decidiram fazer o despejo dos do 1.º andar às 6 e 45 da manhã, inda os galos estavam a esfregar os olhos. Chamaram ao golpe *A Tomada da Bastilha*. E por ali se quedaram até que o camartelo investiu uma vez mais contra a sua sede, derrubando o último colégio a ser fundado em Coimbra, já no tempo de D. João V.

Caída que foi a *Bastilha*, em 1949 a AAC foi albergada no Palácio dos Grilos, onde também não havia teatro, mas – ironia do destino! – tinha por



COLÉGIO REAL DE S. PAULO APOSTOLO. Fachada principal
(Desenho de Azzolini)



Bastilha

vizinhos, uma vez mais... o Instituto de Coimbra / *Clube dos Lentos*. E chegados a 1954, como a construção de uma nova sede, agora prevista para a Praça da República, continuasse atrasada, um grupo de estudantes voltou a ocu-

par as instalações do Instituto, numa segunda *Tomada da Bastilha*, simbólica, de apenas uma noite.

Até que, finalmente, em Outubro de 1963, a nova sede da AAC era entregue à Academia. E em Julho de 1965

era aberto o Teatro Académico de Gil Vicente, 77 anos e 5 meses depois de o último espectáculo se ter realizado no velho Teatro Académico do séc. XIX! Custou mas foi!

A VOZ DA FILANTRÓPICA

Continuam as acções de solidariedade, com visitas a alguns Colegas doentes, acompanhamento por telephone a outros, bem como aos mais idosos, e felicitações aos aniversariantes com palavras de afecto.

OUTRAS ACTIVIDADES:

MAGUSTO DO S. MARTINHO

O 11 de Novembro é comemorado com os ingredientes mais apetecidos: uma mesa recheada com petiscos, doces e bebidas próprios do dia, histórias ou poemas adequados e a indispensável *Serenata de Coimbra*.

ALMOÇO DE NATAL

Com 100 convivas partilhando o mesmo espírito próprio da quadra, ocorreu mais uma vez na Messe dos Oficiais de Pedrouços, onde o Grupo Coral Ad-Hoc nos brindou com um repertório natalício da melhor escolha e primorosa interpretação e a Dr.^a Rosário Farmhouse, do Gabinete de Formação Humana do Colégio de S. João de Brito, nos expôs o tema a seguir, de todos muito apreciado.

Embora não seja habitual identificar-se ou apreciar-se no prólogo das Circulares e nos *Capa & Batina* a actuação dos Grupos de Fado nos vários eventos (com excepção da *Tomada da Bastilha*), esta ocorrência ilustra bem o espírito de interajuda e solidariedade: o Grupo *Serenata de Coimbra*, anunciado para a *Serenata*, ficou indisponível por incapacidade de última hora do Alexandre Bateiras (guitarra), pelo que o Vítor Carvalho (voz) se retirou antes do almoço; logo a Maria José Bernardino (Direcção) telefonou ao marido Manuel Pera (viola) e ao Luís Martins (Direcção/viola) que compareceram e convocaram o Nuno Cadete (guitarra); ao mesmo tempo, o Tito Costa Santos (Direcção) pediu ao Vítor Carvalho que regressasse e ao Sutil Roque, presente na sala, que ajudasse a compor o trio de vozes.

Resultado: uma *Serenata* em cheio, graças ao discreto labor dos promotores e boa vontade dos actuates.

Bem-Hajam todos pela exemplar generosidade!

A Direcção

"NINGUÉM ESCOLHE SER REFUGIADO!"

"Refugiado é uma desgraça que chega sem avisar" foi assim que a Mamã Kami, do Ruanda, me descreveu o que sentia. "No meu país era rica tinha seis filhos, duas casas, e 100 cabeças de gado. O meu marido era ministro. De repente tudo mudou! Muitos familiares foram mortos e consegui fugir com os meus filhos.... Até que cheguei a Portugal!". Passados vinte anos, Portugal continua a receber refugiados, desta vez, respondendo à maior crise humanitária desde a Segunda Guerra Mundial: a crise dos refugiados sírios e iraquianos! Portugal tem sido exemplo de acolhimento, se compararmos com outros países da Europa que se têm negado a receber refugiados! Mesmo aqueles que na sua história souberam na primeira pessoa o que é ser refugiado, agora fecham a porta a quem precisa de ajuda. A sociedade civil portuguesa tem demonstrado um humanismo exemplar. Por todo o país diversas instituições se têm oferecido para acolher e acompanhar famílias de refugiados.

Para bem integrar é preciso saber: não generalizar, não julgar precipitadamente, ver o mundo de forma mais inclusiva, aceitar diferentes maneiras de estar e de fazer, e calçar os sapatos dos outros. A tarefa não é fácil, todos os dias temos de aprender a viver juntos! Mas quando conseguimos interiorizar que ninguém escolhe ser refugiado e tratarmos os outros como gostaríamos de ser tratados se fossemos forçados a partir, então estamos a construir um mundo melhor, um mundo de paz, onde todos contam, onde todos têm lugar.

Rosário Farmhouse"



TERESA E WILLIAM ELSDEN

– REVELADOS O ARQUITECTO DA REFORMA POMBALINA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA E A MUSA DE CORREIA GARÇÃO



por Matilde de Sousa Franco⁽¹⁾

Ao aprofundar agora a minha pesquisa sobre o notável Arquitecto William Elsdén, descobri novos manuscritos e outros documentos, que permitiram várias revelações. Entre estas, surgiu a de a sua mulher, D. Teresa Francisca Maria Elsdén, ser a musa do grande Poeta Correia Garção, encontrando afinal um casal inglês que, na 2ª metade do séc. XVIII, muito marcou a Cultura Portuguesa.

Desde há 36 anos que tenho tido enesejo de dar a conhecer William Elsdén: era eu então directora do Museu Nacional de Machado de Castro, em Coimbra, e pesquisava originais azulejos, datáveis de 1779, do próprio edifício, inspirados em plantas de um então quase desconhecido Elsdén, quando segui uma pista e me maravilhei, numa colecção particular, com um inédito álbum intitulado "Riscos das Obras da Universidade de Coimbra", de cujas obras William Elsdén foi director de 1772 a 1778.

As obras da Reforma Pombalina da Universidade de Coimbra sobressaem, mesmo na classificação como Património Mundial pela Unesco, em 2013.

O álbum, com manuscritos datados de Setembro de 1777 assinados por D. Francisco de Lemos, Bispo Reformador Reitor da Universidade, contém 30 "riscos" dos estabelecimentos da

Reforma Pombalina, em plantas coloridas, desdobráveis, cujo comprimento quase alcança 2 metros! Referi detalhadamente este volume em 1981, na conferência "Da Cerâmica Coimbrã" – uns Notáveis Azulejos do Museu Nacional de Machado de Castro (publicada em "A Cerâmica em Coimbra", Comissão de Coordenação da Região Centro, Coimbra, 1982) e noutras ocasiões. Em 1983, publiquei o álbum através do Museu, em fac-simile (por restrições orçamentais, reduzido em tamanho e tiragem), onde como introdução escrevi "Riscos das Obras da Universidade de Coimbra - o Valioso Álbum da Reforma Pombalina", estudo em que defendi este (a que António Filipe Pimentel chama "sumptuoso álbum... mais opulento") ser um de dois volumes de um único livro, intitulando-se o outro volume, só com texto, "Relação Geral do estado da Universidade de Coimbra...", cujo manuscrito foi revelado por Teófilo Braga na Academia das Ciências de Lisboa, que o editou em 1894.

Em 2014, aprofundei o estudo em "William Elsdén – Importância dos seus "Riscos das Obras da Universidade de Coimbra". Elementos inéditos sobre a sua Vida e Obra", Revista de Estudos Anglo-Portugueses, Nº 23, Universidade Nova de Lisboa. Estes dois últimos textos podem ser consul-

tados na internet em www.matilde-sousafranco.com.

Em 3 de Fevereiro de 2016, na Academia Portuguesa da História, fiz uma comunicação intitulada "Surpreendente William Elsdén: destacado arquitecto pombalino, misterioso literato, compadre de D. Pedro III, casado com a musa de Correia Garção e implicado na prisão deste. Importância dos "Riscos das Obras da Universidade de Coimbra". Novas revelações sobre a sua Vida e Obra".

Devido à escassez de espaço agora, vou sobretudo desvendar o mistério desta musa, mas desvendando também algumas das outras várias facetas do Arquitecto William Elsdén, Tenente-Coronel de Infantaria em exercício de Engenheiro, Lente de Matemática na Academia Militar da Corte, Quartel-Mestre General dos Exércitos, com trabalhos em diversas zonas de Portugal. "Pelo seu talento, erudição e fino gosto, Garção foi a alma da Arcádia Lusitana", nas palavras de Teófilo Braga. Criada em 1756, esta instituição influenciou de forma indelével não apenas a literatura, mas toda a cultura em Portugal.

Quanto à musa de Corydon Erimantheo, pseudónimo literário de Correia Garção, concordo com Teófilo Braga em "História da Literatura Portuguesa. A Arcádia Lusitana", Porto, 1899, e a

⁽¹⁾ Sócia da Academia Portuguesa de História e da Academia de Belas-Artes.

sua bem documentada e escalpelizada conclusão: é uma senhora inglesa, casada, próxima, a paixão inicia-se em 1764, localiza-se na Quinta da Fonte Santa, propriedade e residência do poeta, e identifica a musa como "madama Elsdén" (sem lhe dar nome). Julgo que estes argumentos são reforçados por manuscritos e outros documentos entretanto descobertos. Um destes, encontrei-o também agora, na publicação londrina de 1831 "The Private Correspondance of David Garrick with the most celebrated persons of his time". Garrick, actor, poeta, dramaturgo e empresário teatral, está sepultado no Poet's Corner de Westminster Abbey. O Coronel Elsdén escreveu a Garrick, em 1770, uma carta com triplo interesse, por revelar que: - mora na Fonte Santa, em Lisboa, - se diz autor de uma peça dramática que gostaria de enviar para que lhe desse os "seus toques de mestre" tendo expectativa dos "maiores aplausos" - e se identifica como "Esquire", lugar de destaque na sociedade, o qual teria adquirido antes de vir para Portugal. Conforme agora também descobri, William Elsdén terá vindo para Portugal logo aquando o terramoto de 1755 e trabalhou na reconstrução de Lisboa, tendo trazido a mulher e o filho, Guilherme Francisco Elsdén, nascido em 1754 e que se tornou também arquitecto; a filha, D. Francisca

Teresa da Conceição Elsdén, nasceu em Portugal, cerca de 1756 e casou com Joseph Térnisien Selebac e d'Amart.

Desta extraordinária carta, foco-me agora na revelação de esta família inglesa morar na Fonte Santa, ao lado de Correia Garção. (O local, com 5 séculos de História, merecia placa explicativa na fonte, a qual se situa agora em frente da Escola Josefa d'Óbidos, na zona de Campo de Ourique). À quinta do poeta acorriam muitas pessoas de "boa sociedade", os sócios da Arcádia Lusitana, artistas e intelectuais. Aí também residiu o coronel inglês Forbes Macbean, que veio para Portugal em 1762, com uma filha, tendo em 1769 ido para o Canadá, e com quem os Elsdén e os Garção conviviam, sendo referido na obra do poeta.

O Soneto LI de Garção retrata a visita à quinta do seu amigo Carlos Mardel e chama ao local "long-room" da Fonte Santa, ou seja uma espécie de "Assembleia Inglesa". Mardel faleceu em 1763 e, conforme manuscrito que encontrei, Elsdén trabalhava com este arquitecto, um dos principais obreiros da reconstrução de Lisboa. Os Elsdén, em vida de Mardel, já viveriam na Fonte Santa, nesse ambiente em que tanto se cultivavam costumes ingleses e onde em 1764 surge a paixão entre Pedro Correia Garção e Teresa Elsdén. O Soneto IX localiza na Fonte Santa o estado de alma apaixonado do po-

eta: "Ao som da Fonte Santa... o triste Corydon adormecia. Em doce sonho imaginando via de Belisa gentil o rosto amado...".

Em 1899, Sousa Viterbo ao publicar no vol. I do "Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos..." o Aviso de 1766 para D. Teresa Elsdén ficar no Recolhimento de S. Cristóvão "enquanto Sua Magestade não mandar o contrário", tem esperança de ajudar a esclarecer a "intriga que se diz ter existido entre o poeta Garção e a família de Elsdén" e a qual teria tido a intervenção até do rei D. José!

Correia Garção é preso (1771) por ordem do Marquês de Pombal, por motivos nunca explicados, e morre na prisão (1772). Segundo Teófilo Braga, D. Teresa Elsdén ingressa então num Recolhimento, o que seria, portanto, uma 2ª vez, talvez consequência dos seus amores. Em 1773, William Elsdén leva a mulher e a filha para Coimbra. Esta família inglesa segue a moda de então e passa a viver na Rua de Buenos Aires, em Lisboa. Em 1778, morre, talvez fora da capital, o Coronel Elsdén, de religião protestante, o qual seria suposto ter sido sepultado no Cemitério Inglês, o que não acontece. A viúva vive até 1780. Será que o coração de Teresa Elsdén continuou sempre a suspirar pelo nosso poeta Correia Garção?

VISITAS LOCAIS

No 2º semestre de 2016 realizaram-se 4 visitas:

- Dia 16 de Junho – ao Museu do Dinheiro do Banco de Portugal;
- Dia 22 de Setembro – ao Museu Nacional de Arte Antiga à Exposição "Obras em Reserva – o museu que não se vê";
- Dia 22 de Novembro – ao Convento do Grilo;

- Dia 14 de Dezembro – na Fundação Calouste Gulbenkian à Exposição "Linhas do Tempo. Coleções Gulbenkian. Caminhos Contemporâneos".

Inscrevam-se porque há *numerus clausus*; e não falem porque fica, quase sempre, alguém em "lista de espera"!

Apareçam sempre!

OS NOSSOS POETAS

POEMAS DE MANUEL ALEGRE

A PONTE SOBRE O I

Coimbra é uma palavra que se escreve
com amigos a partir em cada letra.
Diz-se Coimbra e é o Largo da Portagem
a ponte sobre o i as claras sílabas
do Mondego correndo e o outro lado
da metáfora onde fica Santa Clara.

Diz-se Coimbra e é o Arco de Almedina
Sobe-se a estrofe e sabe a mouraria
há uma guitarra abstracta e pedra a pedra
mais que cidade Coimbra é um teorema.

Quando se chega ao Largo da Sé Velha
começa devagar a ser poema.

INVENÇÃO DE UMA CIDADE

Coimbra era um puro acontecer
uma vivência de dentro um exercício
um jogo de metáforas e sintaxes
ó corpos cintilantes diante dos espelhos
cabelos loiros sobre os ombros: cidade
por nossas mãos perdida e reinventada.
Por fim era um rumor de poesia
uma frase uma prosódia uma palavra.
E dessa redacção é que nascia.

UM VERSO

Um verso. Nada mais que um verso cintilante
contra o equilíbrio cósmico e a expansão do universo
na cauda do cometa mais errante
no coração do espaço e seu avesso
uma sílaba cantante
um verso.

Para além dos buracos negros e das linhas interestelares
um som no espaço
um eco pelos ares
um timbre um risco um traço.

Um som de um som: alquimia
de signos e sinais
não mais do que outra forma de energia
imagens espectrais
de um sol inverso
um ponto luminoso nos fractais
um verso.

EXÍLIO

Éramos vinte ou trinta nas margens do Sena.
E os olhos iam com as águas.
Procuravam o Tejo nas águas do Sena
procuravam salgueiros nas margens do vento
e esse país de lágrimas e aldeias
pousadas nas colinas do crepúsculo.
Procuravam o mar.
Éramos vinte ou trinta nas margens do Sena

sentados
ausentes.

E havia uma rua. Havia uma casa.
Havia um cesto de cerejas sobre a mesa.
Havia um puro cheiro a pão. Uma varanda
e roupa branca a secar.
Havia uma pátria.

E havia tecedeiras subterrâneas
tecendo em Coimbra a primavera.
Havia o António e uma guitarra
incendiada nos seus dedos.
E a minha irmã morava nesse ritmo.
A minha mãe bordava. (Às vezes creio que lembrava).
Meu pai — esse partia extasiado
para o país da música. Havia uma avó
procurando sentir o que eu sentia.
Havia uma casa.
Havia uma Pátria.

Éramos vinte ou trinta nas margens do Sena
onde o vento cantava
uma canção estrangeira.

E os olhos iam com as águas.

VEM DIZER DE TUA JUSTIÇA

A conversa "Vem dizer de tua Justiça" teve lugar na sede da AAECL em 19 de outubro de 2016. Estiveram presentes 20 pessoas.

Falou-se no que a Associação terá de fazer para aliciar sócios. Também foi perguntado aos sócios presentes o que houve durante o ano que gostariam que fosse diferente, pois os programas e os esquemas repetem-se sempre. Os bordados continuam todas as quartas feiras e sempre com as mesmas bordadeiras. O coral Ad-Hoc espera mais pessoas. Os jantares na Valenciana têm sido

sucessivamente cancelados por falta de interessados e os jantares - conferências são cada vez mais espaçados.

Falou-se nos possíveis locais onde se poderá festejar o Fim do Ano: pensou-se em Montargil, no Hotel Montebelo em Viseu e no Hotel Vila Galé, no Alentejo.

Para terminar, falou-se nas viagens para 2017:

Para a viagem pequena foram sugeridos: S. Tomé e Príncipe e a Festa da Flor na Madeira, com possibilidade de extensão a Porto Santo, e ainda num passeio no Comboio "Transcantábrico" pelos Picos

da Europa. Foram votados a Festa da Flor com 17 e os Picos da Europa com 8 votos.

Para a viagem grande foram sugeridos: Eslovénia com Liubliana com 0 votos; Geórgia e Arménia com 2 votos; Sri-Lanka com 4 votos; Vietnam com 6 votos e Equador e Galápagos com 11 votos.

Foram também sugeridos: Casaquistão e Quirguistão e Guatemala e Honduras, que depois não obtiveram qualquer voto.

Direcção



DONA MARIA I E DONA MARIA II – DUAS RAINHAS GOVERNANTES.

O QUE AS UNIU E O QUE AS DIFERENCIOU

Por Maria Luísa Paiva Boléo

D. Maria I era bisavó de D. Maria II. Viveram em épocas e conjunturas diferentes, séculos XVIII e séc. XIX. Contextos diferentes mas os problemas e dificuldades até subirem ao trono tiveram semelhanças. A importância de serem rainhas e mães é referido neste Power Point, onde o texto será suporte apenas das imagens. As suas personalidades opostas. Uma serena e ponderada ainda num século com protocolos rígidos e outra sanguínea, educada nos trópicos e com outra liberdade e senhora de um feito menos paciente.

D. Maria I nasceu em Lisboa em 1734 e faleceu no Rio de Janeiro com 81 anos em 1816. D. Maria II nasce no Rio em 1819 e em consequência de um parto falece em Lisboa, no Palácio das Necessidades, com apenas 36 anos.

Ambas se dedicaram empenhadamente na sua função de governantes. D. Maria I foi rainha aos 43 anos, já casada e mãe de filhos, herdeira de um rei absoluto que foi D. José, e do seu ministro o marquês de Pombal que tudo fez para que ela não herdasse o trono, mas sim seu filho, saltando assim uma geração. Este um problema íntimo e complicado com que a herdeira teve de superar. O casamento com o tio irmão do pai foi equilibrado. D. Pedro intervinha pouco e tratava da educação dos príncipes. Para a noiva edificou Queluz.

Em 1777 quando começa o seu reinado D. Maria Francisca é muito bem recebida pelo povo e corte, pois era conhecida. A sua primeira ordem foi a libertação dos cerca de 800 presos políticos, escolheu ministros da confiança do pai e de imediato reavaliou as obras

de reconstrução de Lisboa e cortou nos gastos sumptuosos do pai. É uma rainha informada que vive ainda numa corte com algum conservadorismo, mas está atenta à importância dos acordos de comércio – com Catarina II da Rússia e dá um incremento grande à cultura e actividade legislativa. Isenção de impostos, fim de alguns monopólios e impulso às manufacturas e ao ensino. A primeira ideia de ensino feminino e obrigatório nasceu no seu reinado, embora só mais tarde tenha sido implementado.

Muitos intelectuais e artistas que se tinham ausentado do país devido às perseguições do marquês de Pombal, principalmente depois do Caso dos Távoras, regressaram e vieram enriquecer a cultura portuguesa, com a criação da Academia Real das Ciências de Lisboa em 1779. A rainha cria a Academia do

Nu, a Biblioteca Real (a de seu avô D. João V, foi destruída no terramoto de 1755) e de maior abrangência - a Casa Pia para tirar da rua os mais desfavorecidos e dar-lhes instrução. Uma rainha que viveu rodeada da família em contraste com D. Maria II que não terá perto de si nem pais, nem irmãos, nem tios, apenas a madrasta de quem não gostava particularmente. Rodeada de políticos e militares depois da guerra civil entre D. Pedro e D. Miguel, a morte do pai e praticamente entregue a si própria tudo isso terá moldado a sua personalidade autoritária.

Os maiores problemas que irão perturbar seriamente D. Maria I serão questões de justiça como o complicado Caso dos Távora que teve de ser reaberto e o da Inconfidência Mineira onde assinou a execução de Tiradentes no Brasil. A Revolução Francesa e a execução do rei Luís XVI terão afectado a sua frágil saúde mental. Partiu para o Brasil com toda a família e corte, na sequência das invasões francesas para que a Casa de Bragança não fosse aniquilada por Napoleão Bonaparte. Já estava irremediavelmente doente. Morreu num convento no Rio de Janeiro com 81 anos, em 1816. O seu legado cultural é assinalável, onde se conta ainda a Basílica da Estrela como ficou conhecido o Convento dedicado ao Sagrado Coração de Jesus.

Dona Maria II nasce num país tropical, filha de um príncipe que gosta de exercitar as armas e onde a educado é pouco disciplinada e de uma austríaca católica e amante da natureza - Dona Leopoldina de Habsburgo, D. Maria da Glória teve uma infância feliz. O Brasil e o facto do pai, D. Pedro, optar por ser imperador daquela antiga colónia e não rei de Portugal (sucendo a D. João VI), fazem da jovem D. Maria da Glória rainha, sem trono aos sete anos. Perde a mãe muito jovem, vê o pai casar de novo e é obrigada a viajar para a Europa, onde as principais potências Inglaterra e França e Áustria mostram ventos de mudança. D. Maria II educada com alguma negligên-



D. Maria I



D. Maria II

cia só chegará ao trono depois de ver o tio D. Miguel ser obrigado a deixar o trono que lhe pertencia. Com 15 anos não conhece o país que vai ter de governar. Depois de uma promessa de casamento e de uma viuvez precoce encontra em D. Fernando II de Saxe Coburgo-Gotha um companheiro com quem se dá bem. Os filhos e a sua educação não a desviam do governo do país, que está pobre e farto de guerras. Os monarcas amam as artes e o teatro. São um casal que já passeia pelos espaços públicos com os filhos. Há jornais que falam da família real. Os seus ministros e conselheiros, militares ou políticos provocam bastante instabilidade no seu reinado, com governos de

pouca duração, mas conta com amizades verdadeiras. Será a primeira rainha constitucional. Ama os filhos que educa de forma exemplar. Troca cartas com a Rainha Vitória casada com um primo de D. Fernando. São rainhas com filhos e as cartas mostram uma rainha alegre e feliz, não fora ter de lidar com as mortes prematuras dos filhos e algumas insurreições no país. Quando estava o país pacificado, morre ao dar à luz o 11º filho deixando os filhos, marido e povo profundamente triste. Tinha 36 anos. O seu legado, mais do que um Jardim, um Teatro e uma Academia de Belas Artes, foram os filhos - D. Pedro V e D. Luís que lhe sucederam.



A assistência com a Palestrante

“ENCONTROS DE ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM PAÍSES LUSÓFONOS”

Por José Pedro Barbosa

Tem sido com enorme empenho que alguns elementos da Tertúlia dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa e em estreita ligação com a Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, de quem são associados alguns dos tertulianos têm vindo a dinamizar tertúlias nos CPLP. Estamos já representados oficialmente em 60%, faltando somente Brasil, Guiné Equatorial, Guiné Bissau e Cabo Verde, onde os antigos academistas já identificados, irão dar continuidade a esta expansão só ao alcance dos reais descendentes Lusitanos.

Nestes encontros, onde a cultura academista coimbrã reina, a boa mesa e a música são peças chave para recordar os bons momentos de 'quem nela viveu'.

Tudo começou há mais de 25 anos com a Tertúlia dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, a qual conta já com mais de 200 elementos activos, entre mais de 300 identificados. Desta

derivaram por variadíssimas razões, núcleos representativos em 5 países pertencentes aos CPLP.

Mensalmente reúnem-se à mesa, ao sabor de belas iguarias e sons típicos, onde há boa maneira irreverente, não faltam os adereços e as 'praxes' aos novos recrutas. São já muitas as áreas de actividade económica a que estão ligados, criando uma network considerável, a qual passa despercebida tal é a paixão pelos bons e comuns momentos estudantis.

Iremos em próximos números desta revista, falar sobre os vários núcleos e dos encontros locais.

Orgulha-se a Universidade de Coimbra que de forma muito ténue tem através da sua Reitoria, demonstrado vontade de se envolver, o que poderá ser uma forma interessante de dar voz ao recrutamento e fortalecer notoriedade além fronteiras.

Saudações Académicas

3º GRANDE BANQUETE DE “OS CONFRADES DA BRIOSA”

Por Joaquim Couto (Confrade Mor)

Dando cumprimento ao seu Directório, OS CONFRADES DA BRIOSA encerraram o ano de 2016, realizando solenemente o seu 3º GRANDE BANQUETE, no dia 14 de Dezembro.

De novo, o restaurante Coimbra Taberna, na baixa lisboeta, recebeu os ilustres confrades e muitos amigos, tendo-se registado casa cheia e animada confraternização académica.

Foi uma noite de grande celebração em que se pretende incrementar os laços de amizade e convívio entre todos os que por COIMBRA e pela BRIOSA partilham paixão e vivências.

Estiveram presentes muitos associados da Casa da Académica em Lisboa, da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa e muitos amigos e simpatizantes da Briosa, expoente Maior de muitas gerações de estudantes e de toda uma Cidade!

A Tertúlia foi presidida pelo Confrade-Mor, Joaquim Couto, assistido pelos vice-presidentes Marques Inácio, Álvaro Santos, José Fernandes, Alfredo Ribeiro e pelo Confrade-Juiz, João Castilho.

O Confrade-Mor saudou os presentes, deu por aberto o Jantar/Debate, salientando os objectivos essenciais dos

Confrades da Briosa, nomeadamente a sua dimensão de encontro, de tertúlia e de confraternização académica.

Teceu algumas considerações sobre a ementa e lembrou que todos os confrades devem ostentar o Canudo e o Babete de uso obrigatório.

Solicitou ao confrade Álvaro Santos que tivesse devidamente aparelhados os dois chocalhos – o centenário de voz cansada, oriundo da sua Moura Morta e o novo, altivo e bem falante, Património Material da Humanidade, oferta do confrade Daniel Sanches – instrumentos rituais que irão pontuar as intervenções

e que se farão ouvir sempre que seja necessário impor ordem e silêncio...

Para memória futura, regista-se a ementa dada a degustar: entradas diversas, Ossos à Zé Manel, Folhado de Bacalhau à Coimbra Taberna, Bolo Rei de Santa Clara, Tarte de Laranja da Tricana, Café do Mandarim, Vinhos da Leitaria do Pirata, Água Mineral da Lapa.

Terminado o jantar, os chocalhos fizeram-se ouvir e deu-se início à Tertúlia Académica Coimbra à Mesa.

Licenciado em História com Mestrado em Museologia, Rui Lopes falou sobre o "seu" Museu Académico que bem conhece, hoje denominado Galeria Académica do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra. Na sua dissertação, deixou-nos linhas indeléveis da Coimbra de Ontem e de Hoje e da vivência das tradições académicas coimbrãs de que o Museu é símbolo e referência histórica.

Momento alto e de grande significado é a Cerimónia de Entronização dos novos Confrades de Honra. Os novos confrades juntam-se aos confrades efectivos, assumindo igualmente os princípios orientadores dos Confrades da Briosa: a defesa da cultura e das vivências académicas, a defesa do património cultural, artístico e desportivo e a divulgação da gastronomia.

Foram entronizados três novos Confrades de Honra: Francisco José Domingues, Nuno Cadete Almeida e Rui Moreira Lopes, tendo os respectivos padrinhos salientado os méritos dos seus afilhados.

Álvaro Santos apresentou o novo Confrade, Francisco José Domingues. Licenciado em Medicina, foi Médico Miliciano na Força Aérea. Tem Pós-graduação em Angiologia e Cirurgia Vasculiar, Master em Medicina Estética e Pós-graduação em Nutrição Clínica. Antigo atleta da Associação Académica de natação e basquetebol, conquistou diversos títulos, destacando-se a Taça de Portugal em Basquetebol, na época de 1970/71. Nasceu em Bencanta, Coimbra e proclama orgulhosamente que é sócio da Académica desde o dia



do seu nascimento e cidadão Português alguns dias depois!

Marques Inácio apresentou Nuno Cadete Almeida, salientando que sempre esteve ligado ao Canto e à Música de Coimbra. Nascido na capital do Mondego, começou a aprender a tocar guitarra aos 12 anos, tendo mais tarde sido aluno de Jorge Gomes, na Associação Académica de Coimbra. Integrou o grupo "Alma Mater", participou em várias Serenatas Monumentais da Queima das Fitas e pertenceu à Estudantina.

Iniciou a sua vida profissional na indústria farmacêutica no Porto e já, em Lisboa, integrou o grupo "Serenata ao Luar". A 12 de Dezembro de 2015, concretizou um sonho de há muito: abriu em Lisboa, na Calçada de S. Francisco, um espaço sobre Coimbra, a sua música, o seu canto e a sua gastronomia. Assim nasceu o COIMBRA TABERNA que o enche de orgulho!

Fátima Lencastre que lidera a Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, há 22 anos, apresentou Rui Moreira Lopes.

Mestre em História com a dissertação "Museu Académico de Coimbra:

Evolução Histórica, Coleções e proposta de actualização", Rui Lopes tem competência e trabalho reconhecido de investigação nas áreas de História, Arquivo, Museus, Património Material e Imaterial. A história da Universidade e a Academia Coimbrã, o seu património, institutos e organismos autónomos, a Praxe, as Repúblicas, figuras e estudantes ilustres oriundos do Brasil têm sido, entre outros temas, objecto de estudo e da escrita de Rui Lopes. Presentemente, está ligado ao Turismo da Universidade de Coimbra. Praticante de atletismo, é também um sofredor incondicional da nossa Briosa.

Os novos confrades agradeceram a honrosa distinção e enaltecem a acção dos Confrades da Briosa.

Os chocalhos fizeram-se ouvir de novo e o Confrade-Mor anunciou o fim da Tertúlia, como sempre, com o Canto e a Música de Coimbra. Actuou o grupo "Porta Férrea" e alguns amigos. Cantaram Martins Maio, João Tomé, Mário Veiga e Tito Costa Santos. Nas guitarras, Teotónio Xavier, Marques Inácio e Nuno Cadete. Nas violas, Soares da Costa, Mário Veiga e Luís Martins.

01.

JANTARES DANÇANTE

No dia 30 de Setembro, realizámos o nosso III Jantar Dançante, na Casa do Alentejo. Mais uma vez, 70 antigos estudantes de Coimbra, de várias gerações, juntaram-se num espaço emblemático da cidade para mais um convívio animado pelo "Clube Vintage".

De realçar que, mais uma vez, os parti-

cipantes menos jovens exibiram a sua grande forma como bailarinos, ao deslizarem elegante e incansavelmente pelo belo salão de refeição transformado em salão de baile. A energia demonstrada foi não só apreciada como também invejada por muitos dos mais jovens...

Este evento foi também aberto a fami-



liares e amigos dos nossos associados, os quais testemunharam a singularidade da vivência e espírito académico dos antigos estudantes de Coimbra.

02.

JANTAR NA VALENCIANA

Apenas em Julho se proporcionou este encontro que alguns privilegiam, não só pelo acolhimento quase familiar e por uma ementa caseira e abundante, como pelo ambiente intimista e pela alegria de felicitar os aniversariantes presentes e de aplaudir a habitual Serenata de Coimbra.

03.

JANTAR NO COIMBRA TABERNA

Em Outubro, também com os mesmos "ingredientes", desta vez reforçados pelo maior número de convivas e pela participação da "ala" mais jovem da Associação, que, no final, nos oferece uma Serenata – actuação do Grupo "Serenata ao Luar".

04.

COLABORAÇÃO E CONVÍVIO COM OUTRAS ENTIDADES

◆ O **Magnífico Reitor** da Universidade de Coimbra convidou-nos para a sessão Solene de Abertura das Aulas e para a inauguração do pavilhão do Estádio Universitário de Coimbra.

◆ A **Associação Académica de Coimbra** requereu a nossa presença em todas as suas actividades públicas.

◆ A **Estudantina Universitária de Coimbra** convocou a presidente da Direcção, que é sua madrinha, para participar na XXVI FESTUNA e dar o prémio à Tuna vencedora (TAGV – 29 de Outubro).

◆ A **Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra no Porto** convidou-nos para a comemoração do seu 23º Aniversário em 3 de Dezembro no Ateneu Comercial do Porto com o

seguinte programa: Recepção, almoço, Homenagens aos Senhor Professor Doutor Guilherme Braga da Cruz e ao Senhor Doutor Gonçalo dos Reis Torgal; fecho da Sessão pelo Magnífico Reitor e a terminar uma Serenata. Fizemo-nos representar pela Presidente e pelo 1º Vice-Presidente Tito Costa Santos.

◆ A **Reitoria da Universidade de Lisboa** convidou-nos a assistir ao Concerto de Aniversário do seu *Coro Infantil Juvenil*, em 10 de Julho; e ao concerto comemorativo *Abertura do Ano Académico*, em 14 de Outubro, tendo este sido apreciado por 10 dos nossos Associados.

◆ **Maria Leónida Teixeira**, sócia da Associação de Coimbra, convidou-

nos para a apresentação do seu livro "O Último Degrau", ocorrida em 15 de Julho.

◆ A **Editora "Contraponto"** convidou-nos e a nossa associada Maria Fernanda Mota Pinto insistiu na nossa presença no lançamento do livro "Mota Pinto, Biografia" da autoria de João Pedro George, que ocorreu em 18 de Novembro na Fundação Calouste Gulbenkian, com intervenções do seu presidente Artur Santos Silva, da professora universitária Marina Costa Lobo e do autor.

◆ A **Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra** sediada em Coimbra mais uma vez promoveu, e com o mesmo êxito e manifestações de solidariedade, bem como de inigualável hospita-

lidade do casal Polybio Serra e Silva, o **XLVI Dia do Antigo Estudante de Coimbra** com o seguinte programa: Missa na Capela da Universidade; cumprimentos ao Magnífico Reitor; fotografia da praxe; almoço na Casa do Pinhal; Cerimónia Solene de entrega dos Prémios Excelência (foram atribuídos à Fundação Inês de Castro, ADFP - Assistência, Desenvolvimento e Formação Profissional de Miranda de Corvo - e Fundação Beatriz dos Santos); actuação do Grupo de Fados "Raízes de Coimbra".



Dia do Antigo Estudante de Coimbra - fotografia da praxe

05.

SE NÃO SABIAS FICAS A SABER QUE...

Deram entrada na **Biblioteca** da nossa **Associação** neste 2º Semestre de 2015, enriquecendo o património com livros e outra documentação os Sócios e Amigos:

- Dr.ª Maria Elizabete Moreira de Almeida;
- Eng. José Manuel Matos da Costa;
- Dr.ª Margarida Gracinda Cartaxo Almeida Frias (106 livros);
- Cons. Francisco Chichorro Rodrigues;

- Dr.ª Maria de Fátima Lencastre;
- D. Maria Isabel Metelo Andrade Freire;
- Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra no Porto;
- Associação dos Pupilos do Exército (boletim bimestral)
- Fundação Calouste Gulbenkian.

Perdoar-nos-ão os que, por lapso involuntário, não foram nomeados.

06.

NOVOS SÓCIOS ADMITIDOS...

... em 2016 (de Julho a Dezembro) foram:

- Dr.ª Maria Fernanda Cascais Moreira Gargaté Afonso, Sócio nº 1339;
- Dr.ª Ana Maria Sousa Morais de Sequeira Varejão Nobre Varela, Sócio nº 1340;
- Dr.ª Marta Maria Paredes Leite de Campos e Santos Andrade, Sócio nº 1341;

- Dr. Miguel José da Cunha Batista Geraldes, Sócio nº 1342;
- Dr.ª Carla Maria Cadete Sebastião Frias dos Santos, Sócio nº 1343
- Eng.ª Maria de Fátima Rodrigues Esteves Alves da Nazaré, Sócio nº 1344.

IN MEMORIAM...

Deixaram-nos... no segundo Semestre de 2016:

- Cor. Manuel Brito Guerreiro Júnior, Sócio 705 – em 2 de Junho (só soubemos em Setembro)
- Dr.ª Margarida Gracinda Cartaxo de Almeida Frias, Sócio 299 – em 6 de Setembro;

- Dr.ª Maria Manuela de Santos Reis Soares de Almeida, Sócio 1129 – em Setembro
- Dr. Mário Eusébio dos Santos, Sócio 964.

Que descansem em Paz!

NOTA:

Ainda temos Sócios com quotas em atraso, não só deste ano como de anos anteriores (alguns...)
Quando estarão todas em dia? Não podemos "viver" sem elas!



Julho a Dezembro 2016

FICHA TÉCNICA

CAPA E BATINA

CONDIÇÃO: A Presidente da Associação

INDICAÇÃO: Associação dos Artistas Estudantes de Coimbra em Música

INSTITUIÇÃO DE ORIGEM: FÓRUM

AV. ANTÓNIO FERREIRA CASTRO, 8 - 1º

1000-048 LISBOA

TEL: 21 848 41 87 FAX: 21 848 42 08

E-MAIL: asso@forum.pt

WEBSITE: www.asso-forum.com

INSCRIÇÃO: ANÚC em Lisboa

PERÍODO DE VALIDADE: Semestral

TIRAGEM: 1000 exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA: 1000

EDICIONAR DA ASSOCIAÇÃO

CORO DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Formado há 10 anos, o Coro da Assembleia da República é um projeto do Grupo Desportivo Parlamentar. Constituído por Deputados, funcionários parlamentares e outros profissionais ligados à Assembleia da República, conta atualmente com 25 elementos.

Assente no talento e na criatividade do Maestro Afonso Granjo, abrange música de caráter tradicional e erudito, que vai desde o período renascentista até aos nossos dias.

O Coro da AR tem desenvolvido a sua atividade na Assembleia da República e junto de outros parlamentos de língua portuguesa, nomeadamente nas Assembleias Legislativas dos Açores e da Madeira, na Assembleia Nacional de Cabo Verde e na Assembleia Legislativa de Goa. Participa ainda em concertos de beneficência ou outros, aceitando os convites que lhe são dirigidos.

MAESTRO AFONSO GRANJO

Concretizou, no Instituto Gregoriano de Lisboa, o Curso Geral de Piano, Harmonia e Contraponto, bem como a aprendizagem da notação e interpretação do Canto Gregoriano. Na Escola Superior de Música de Lisboa, obteve o Bacharelato em Canto e, posteriormente, a Licenciatura em Direção Coral.

Apresentou-se, como cantor solista, em concertos com coro e orquestra, formações de câmara e em pequenas intervenções de produções operáticas.

Das diversas formações corais de que fez parte, destaca: Schola Cantorum Poliphonia, Syntagma Musicum e Vozes Alfonsinas. Foi membro fundador do Coro Gregoriano de Lisboa. Lecionou, durante três anos, a cadeira de Educação Vocal no Instituto Gregoriano de Lisboa. Formou e dirigiu, durante quatro anos, o Coro Municipal da Lourinhã. Integra, desde 1991, o Coro do Teatro Nacional de S. Carlos. Dirige, desde a sua formação, o Coro da Assembleia da República.

